

Da vida pacata nas montanhas aos campos de refugiados



Nadia Tahir Ibrahim estava viajando havia muitos dias. Não sabia se poderia chamar de viagem o trajeto que fazia. Na verdade, fugira de Bagdá, a capital do Iraque, para Zache, no Curdistão. Tinha sete filhos, que foram deixados com amigos e parentes. Foi uma mudança repentina em sua vida. Um dia de agosto de 1996, Sinval, seu marido, chegou aflito em casa. Era oficial do exército iraquiano. Seria preso por agentes da polícia secreta de Saddam Hussein.

– De que o acusam? – perguntou Nadia.

– De ser informante do Congresso Nacional Iraquiano. Dizem que sou pago pelos Estados Unidos e que passei informações à oposição, por sua vez apoiada pelo governo americano.

– Essa acusação é verdadeira? – perguntou a mulher, temendo o pior.

O marido disse que não importava e apressou-se em fugir. Ela o seguiria depois de arrumar alguns pertences e deixar os filhos alojados. Alguns dias mais tarde foi ao encontro de Sinval.

– O senhor sabe como se pode atravessar a fronteira sem ser visto? – perguntou a um conterrâneo que encontrou na estrada.

– Não – respondeu ele. – Somente a sorte ou Deus podem nos guiar. Fomos envolvidos numa guerra que não terá vitoriosos – afirmou, preocupado. – Também estou tentando sair daqui.

– Sei, mas de todo modo é preciso encontrar um lugar para nos escondermos. Já está amanhecendo e seremos reconhecidos se ficarmos na estrada.

– Para onde pretende ir? – perguntou o homem.

– Para a Turquia. Meu marido desapareceu e tenho de procurá-lo. Deixei muitos filhos em Bagdá. Não consigo retornar.

– Depois de cruzarmos o rio Tigre, teremos mais chances de chegar a um lugar seguro.

– Tudo por culpa dessa guerra! – afirmou a mulher, referindo-se à guerra do Golfo. – Te-

nho de encontrar meu marido. Nem sei o que lhe aconteceu. Era oficial do governo e de repente fugiu atemorizado para alguma cidade da Europa Oriental.

- Não podemos receber apoio externo – disse o homem, – já que somos confundidos com bárbaros sanguinários. Saddam é visto como louco e nossas cidades recebem bombas sem parar.
- Temos de tomar cuidado – disse Nadia. – Meu marido dizia que muitas vezes pessoas se oferecem para ajudar aos que estão próximos à fronteira em busca de informações sobre fugitivos para entregá-los às forças policiais. Não podemos confiar em ninguém!
- Os iraquianos estão divididos – afirmou o homem. – O governo de Saddam reprime fortemente suas oposições. Não há liberdade. Possivelmente seu marido era contrário às posições do governo.
- Talvez fosse, e, se descobrirem quem somos, em vez de campos de refugiados, podem nos encaminhar às prisões.

Nadia ficou em silêncio sentindo um forte pressentimento. Sonhou que o marido estava morto. Muitas vezes ignorou as denúncias de que Saddam estava matando os curdos em campos de extermínio, como os nazistas fizeram durante a Segunda Guerra.

- Já ouviu falar dos guerrilheiros que estão nas montanhas? – perguntou ao homem.
- Eles combatem nossos conterrâneos. Estão organizados no PKK de Abdullah Ocalam.
- O Partido dos Trabalhadores do Curdistão? – perguntou apenas para prosseguir o diálogo.
- Não o conhece? – retrucou.
- Apenas ouvi dizer. Pertencia ao grupo contrário a eles. Não sei como tudo virou. Não pude sequer compreender as razões que levaram meu marido a cair em desgraça com Saddam.
- Essa é a pior coisa. Pelo menos estou fugindo porque escolhi um lado para lutar. Pretendo defender nossa autonomia; os Estados Unidos nos usaram contra Reza Pahlavi, agora pretendem nos incriminar. Acho que ambas as posições fizeram muita violência. O caso do Curdistão é um exemplo disso.

Ficou pensativo refletindo sobre a perda do controle político dos curdos sobre o próprio território, dividido entre o Irã, o Iraque, a Turquia e outros, depois da Segunda Guerra Mundial. A repressão, o desrespeito pela cultura e a violência da exploração foram usados tanto pelos americanos quanto pelos soviéticos como estratégia, durante a Guerra Fria. Os curdos acabaram perdendo todo o seu território e se espalharam pelo mundo, depois de inúmeros massacres.

Olhou para Nadia e quis saber como ela havia se envolvido no conflito político. Não lhe parecia que ela tivesse qualquer engajamento, ou mesmo clareza dos perigos decorrentes da nova condição de refugiada.

Nadia sentiu vergonha. Durante muitos anos, entregara seu destino ao marido sem nenhuma ressalva e agora estava sozinha, nem sequer sabia a dimensão do problema que

deveria enfrentar. Pensou nos filhos, nos parentes e no destino do marido. Não poderia sequer provar, caso ele tivesse sido assassinado.

Atravessaram a fronteira. Estavam no Curdistão turco. Foram abordados por uma viatura policial que os obrigou a embarcar no camburão e os conduziu até a Aldeia de Doganli. .

Separou-se do homem com quem seguia e ficou num alojamento para mulheres.

– Pretendia ir para a província onde nasci. Não me permitiram. Tentei voltar para Bagdá. Não foi possível. Por que estou sendo detida? – perguntou a um funcionário que a conduzia por um longo corredor.

– Porque está sem documentos e sem visto de entrada no país. De onde vem? – indagou o funcionário.

Sentiu-se como um animal indefeso, encurralado. Disse ao comandante do serviço que precisava encontrar o marido desaparecido. Avisar os parentes de seu destino, receber notícias dos filhos, saber se era verdade que o marido fora morto por Saddam. Precisava noticiar o mais rapidamente possível que sobrevivera. Só assim teria alguma garantia de prosseguir viva. Chorava sem parar. Não aceitava a reviravolta de sua vida. Não conseguia se perdoar pela ignorância de suas responsabilidades para consigo mesma e para com os filhos que deixara para trás.

– Preciso descobrir o que está acontecendo com os curdos! – pensou, meio alucinada, – enquanto enxugava os olhos inchados de tanto chorar.

Se são milhares expulsos de suas terras, tanto os que habitavam as montanhas, pacatos camponeses, como aqueles que foram sendo treinados no combate contra as forças rebeldes, seriam bons aliados para ela, que nada conhecia no mundo a não ser alguns bairros de Bagdá.

– Você também é curdo? – perguntou Nadia a um refugiado que se aproximava.

– Não, eles estão em situação pior do que a nossa. Foram divididos entre diversos países depois da Segunda Guerra. Sou migrante do Afeganistão. Mas não importa de onde cada um de nós venha, todos cometem ilegalidades continuamente, quando se trata de atender refugiados. Ficamos numa condição totalmente instável e ao arbítrio dos funcionários de plantão.

– Temos de denunciá-los à Anistia Internacional – disse uma mulher que ouvia a conversa.

– Como podemos fazer isso? – inquiriu Nadia.

– Fique atenta. Quando os comitês de fiscalização aparecerem, teremos de mandar mensagens. Há muitos fotógrafos e jornalistas que acompanham essas guerras. Eles podem noticiar as arbitrariedades e divulgar que estamos vivos. Nossos parentes terão notícias e poderemos contar com alguma ajuda para sobreviver nesta tragédia.

Nadia descobria a cada momento um mundo novo e cheio de sofrimento. Ficou sabendo da existência de uma prisão na Lituânia, onde viviam inúmeros curdos do Iraque.

Imaginou que seu marido pudesse ter sido encaminhado para lá. Resolveu ir para esse país tão longínquo, pois era uma nova possibilidade de cumprir os objetivos de sua caminhada. Soube então que deveria seguir por Damasco, Istambul e Moscou. Daí iria para Vilna, na Lituânia.

Nadia suspirou aliviada. Já dera alguns depoimentos e poderia receber apoio e solidariedade, que ela mesma nunca dera a seus semelhantes. Procurou o Comissariado da ONU e, finalmente, chegou ao Centro de Detenção de Pabrade. O marido não estava aí. Agora, estava ainda mais distante de casa, detida por não possuir passaporte legal e sem saber notícias nem do marido nem mesmo dos filhos.

FOTO Mulheres viúvas, cujos maridos foram seqüestrados pelos soldados iraquianos. Aldeia de Beharke, Curdistão Iraquiano, 1997.

MAPA n. 5 Refugiados da guerra na ex-Iugoslávia.

LIVROS MILEER, J. e MYLROYE, L. *Saddam Hussein e a crise do Golfo*. São Paulo: Scritta, 1991 ■ SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 ■ *Enciclopédia do mundo contemporâneo*. São Paulo: Publifolha; Rio de Janeiro: Terceiro Milênio, 2000.

FILME *A 25ª hora* (1967, Henri Vemeuill).

CURDOS: UMA NAÇÃO SEM ESTADO

Ao final da Segunda Guerra Mundial, organizou-se, na região de Mahabad, o primeiro partido político da história dos curdos, o Partido Democrata do Curdistão, aproveitando a intervenção militar dos aliados sobre o território iraniano. No entanto, esse partido durou apenas onze meses, sendo severamente massacrado, assim que o xá Reza Palev reassumiu o controle do Irã, em 1946.

O único país que, nos anos 50, reconheceu o povo curdo foi o Iraque, cuja Constituição foi promulgada com a revolução que derrubou a monarquia hachemita e declarou o caráter binacional do país: curdos e árabes teriam seus direitos garantidos. Entretanto, o novo líder, Abdul Kassem, iniciou a perseguição aos curdos, que foram obrigados à assimilação. Sucederam-se diferentes chefes políticos no Iraque, mas a ação contra os curdos permaneceu inalterada. A resistência curda impôs, no entanto, uma barreira às investidas iraquianas.

Na década de 70, os curdos encontravam-se na agenda diplomática e geo-estratégica dos países envolvidos no controle do Oriente Médio, como uma das poucas unanimi-

dades: não havia interesse na formação de um Estado curdo independente. Nesse contexto, foram impulsionados a uma guerra contra o Iraque, cujo resultado esperado era a desestabilização política iraquiana.

Em fins da década de 70, surgiu o Partido Trabalhista do Curdistão (PKK), fundado por Abdullah Ocalam, de inspiração marxista e perspectiva de ação guerrilheira. O PKK cresceu rapidamente e, no início da década de 90, controlava a porção turca do Curdistão. As tréguas e os acordos de paz entre o governo turco e o partido não foram efetivados, levando a um conflito intermitente entre ambos (desde 1984) e à morte mais de 30 mil pessoas.

A ascensão de Saddam Hussein e a investida iraquiana contra o Kwait, em agosto de 1990, foram acompanhadas por um sistemático genocídio dos curdos e pela supressão de seu frágil território autônomo, o que levou parte da população a refugiar-se nos países vizinhos. A ONU criou no território iraquiano, em 1991, uma zona de proteção à população curda, mas sem o controle de Bagdá. Em 1995, uma operação do exército turco invadiu o Iraque em busca dos guerrilheiros do Partido Trabalhista de Ocalam. A ofensiva, que contou com a benevolência da “comunidade internacional”, objetivou evitar que o Curdistão iraquiano se tornasse o estopim de uma independência dos territórios curdos na região.

Em fevereiro de 1999, Ocalam foi capturado, numa ação conjunta da Turquia e do serviço secreto israelense, sob acusação de terrorismo. Sua prisão provocou dezenas de protestos diante das embaixadas turcas da Europa, onde vivem milhões de curdos, emigrados durante as últimas décadas, em virtude das perseguições sofridas pelos Estados vizinhos.

Agravaram o quadro os conflitos entre os grupos políticos no Curdistão, estando longe de atingir um acordo sobre os rumos da luta pela independência de um Estado autônomo, tendo em vista diferentes projetos políticos e recortes de caráter religioso. A perspectiva de unidade política e territorial para a nação curda encontra, atualmente, desafios quase intransponíveis, considerando os interesses das potências regionais (Turquia e Irã) e a ausência de aliados com peso político internacional.